

Órfãos da guerra vivem um drama sem fim

LUANDA — O pequeno Clementino, de 6 anos, recita poemas e sorri quando é aplaudido por quem o cerca. Mas não há quem arranque dele duas palavras quando o assunto é a guerra. “Onde estão seus pais?”, alguém pergunta. Os olhos do menino se entristecem, ele baixa a cabeça e não responde. Clementino e a maioria das 135 crianças acolhidas no Lar Kwzola preferem o silêncio. Tentam acreditar que apenas se perderam dos pais, mas vão percebendo com o tempo que são órfãos da guerra civil que arrasa Angola há 21 anos.

Firmino Vissoca, de 15 anos, lembra bem o dia em que perdeu a mãe e um pedaço da perna esquerda. Ele estava saindo de casa, na cidade de Kuito, interior do país, quando acionou com seus passos uma mina que estava enterrada no quintal. “Fui atirado longe, me arrastei até a casa e vi

que minha mãe agonizava. Ela morreu na minha frente e fiquei ali até ser socorrido por uns soldados das Nações Unidas”, recorda Firmino, que usa muleta. Se tiver chance, o menino vai pedir hoje uma prótese, uma mochila e roupas a uma visitante ilustre: Dona Ruth Cardoso.

Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso estiver em encontro oficial com o alto escalão do governo, a primeira dama vai ver de perto um dos mais emocionantes dramas da guerra civil angolana. Situado em Maianga, na periferia de Luanda, o Lar Kwzola recebe crianças de todas as províncias do país. Elas têm histórias dramáticas. Nasceram na guerra e perderam a infância fugindo de tiros e de minas. Mutiladas, se agarram aos visitantes chamando-os de pai ou mãe.

Se puder conversar um pouco com

Eduardo Moisés, de 11 anos, Dona Ruth certamente vai se emocionar. Ele está no orfanato há dois meses. Os combates entre as forças do governo e a guerrilha da Unita (União Nacional para a Independência Total de Angola) levaram seus pais e os quatro irmãos. Ficou só ele. “Eu pisei numa mina quando ia para a escola. Minha irmã me acudiu e me mandaram para cá”, lembra o menino, que teve a perna esquerda dilacerada. Ele acredita que os pais e os irmãos estejam à sua espera. “Um dia volto já com uma profissão”.

Voltar para a casa destruída pela guerra é um sonho comum a muitas crianças que estão ali. Outras, cultivam a vingança. “Há meninos que nos dizem que querem ser militares para matar os que mataram os seus pais. Outros querem ser médicos para ajudar os feridos. Todos os sonhos

giram em torno da guerra”, confirma a diretora do orfanato, Luzia Inglês. Ela recebe por mês um salário equivalente a 50 dólares para trabalhar ali de domingo a domingo. “O dinheiro não dá para comprar sapatos para os meus cinco filhos. Mas eu ainda os tenho”, diz.

Mantido pelo governo, o orfanato recebe ajuda da Fundação ELF — a petrolífera francesa — e de algumas organizações não-governamentais. Há médicos, enfermeiras e professoras para cuidar das crianças, alguns bebês de berço que jamais conhecerão os rostos dos pais. No orfanato, além de aulas regulares, elas aprendem a dominar os desejos de vingança. Produzem cartazes que são colados em portas de igrejas e escolas de Luanda. Um deles diz: *A violência contra crianças provoca ódio, revolta e vingança. (A.M.)*